

46.5.12059

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 65

Col. E.

A Alemanha prussianisada

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917





A Alemanha prussianizada

Extracto dum discurso proferido por Otto H. Kahn, em 26 de setembro de 1917, perante a Camara de Comercio em Harrisburg, Penns, E. U.

I

Falo com a autoridade de quem viu de perto em operação o espirito prussiano da classe governativa na Alemanha; essa classe tinha á sua disposição e utilisou plenamente todos os meios de amoldar a opinião publica.

Tenho seguido os seus métodos, duma persistencia incrível e subtileza profunda, de inculcar á nação a obsessão infernal do culto do poder e do dominio universal, de modificar e perverter a mentalidade — ainda mais a propria fibra e substancia moral — do povo alemão, povo que, até que foi iludido, corrompido e envenenado sistematicamente pela seita governante prussiana, foi e mereceu ser membro honrado, estimado e querido da familia das nações.

Desde que fiz conhecimento com ele ha muitos anos tem-me inspirado o odio e a repugnancia — tanto mais porque vi que destruia sem misericordia o que me era muito caro — a velha

Alemanha—, á qual me ligavam os élos de familia, as amizades queridas, as recordações saudosas.

Ha a mesma differença no grau de culpabilidade que compete ao povo alemão e aos seus governantes e chefes prussianos ou prussianizados no monstruoso crime desta guerra e na barbaridade atroz com que tem sido dirigida, como existe entre um homem que, sob a influencia duma droga deletéria se livra a toda a casta de desvarios e o criminoso que llic administra a droga conhecendo bem e desejando mesmo as consequencias horrorosas que devia trazer.

II

O mundo suspira pela paz. Mas não pode haver paz que corresponda á verdadeira significação da palavra — a paz que permite ás nações grandes e pequenas seguir o seu caminho desarmadas e sem medo — até que se tenha desacreditado e tornado odioso ao povo alemão o ensino e a direcção dos apostolos duma crença proscrita; até que esse povo venha ao conhecimento do crime incalculavel daqueles que o levaram para a calamidade e para a vergonha; até que o arrependimento e o respeito devido ás opiniões da humanidade tenham substituído o imperio do que o Presidente Wilson apelidou com tanta justeza «truculencia e traição».

Praza a Deus fortalecer a consciencia e a comprehensão, a vontade e a força do povo alemão para que possa encontrar o caminho unico

que conduz a uma paz proxima e á restauração futura da Alemanha no lugar entre as nações de que foi expulsa.

Após cada visita que fiz á Alemanha durante 25 anos regressava mais e mais aterrado pela sinistra mudança que via operar-se no povo alemão e pela ameaça agourenta contida nela para o mundo inteiro.

O prussianismo tinha conferido á Alemanha uma prosperidade sem igual, uma legislação social benefica e avançada, e muitos outros beneficios valiosos; porém em troca tinha roubado a alma da raça. Tinha feito um pacto mefistofélico.

III

Quando rompeu esta guerra na Europa reconheci logo que se tinha encetado uma luta entre as forças do poderio brutal, a ambição louca dum lado e as forças da humanidade e liberdade do outro — entre as trevas e a luz.

Havia muitos individuos naquele tempo — entre eles homens que me inspiravam o mais elevado respeito e de cujos motivos me era impossivel suspeitar — que tinham como dever seu e da America o conservar-se numa neutralidade restrita, espirital e actual. Porém, emquanto a mim, estava persuadido desde o inicio e apesar de nos não satisfazer talvez certos elementos da combinação dos Aliados — por exemplo, a Russia dos Czars — que a causa dos Aliados era tambem a causa da America.

Estava persuadido que não era uma guerra vulgar entre povos que guerreavam por questões de interesse nacional nem mesmo em defesa da honra nacional, porém uma luta entre princípios e ideais fundamentais. Nesta crença não podia deixar de sentir que os laços naturais de raça, sangue e família não podiam determinar a atitude de cada um nesta contenda, mas que todo o homem, qualquer que fosse a sua origem, tinha obrigação de resolver segundo o seu criterio e a sua consciencia de que lado estava a justiça e declarar-se em conformidade com essa decisão, embora ela impuzesse quebra de amizade e sofrimento moral. Tomei a minha resolução ha tres anos.

IV

Porém, fossem quais fossem as vistas e os sentimentos do individuo, fosse qual fosse a terra da nascença e dos affectos, só um caminho havia a seguir para os que gosam do direito de se chamarem cidadãos dos Estados Unidos da America, quando, depois duma paciencia sem limites, o Presidente decidiu que a nossa honra e a nossa segurança tinham de ser defendidas á mão armada contra o Governo Imperial Alemão e o Congresso declarou que a causa e a luta contra esse governo eram a causa e luta nossas.

Todo o americano tem naturalmente o dever da obediencia leal e do serviço dedicado para com a patria, mesmo até ao ponto de lhe sacrificar a vida. Se é possível admitir um grau de compa-

ração no dever que constitue o predicado mais sublime e mais elementar do cidadão, pode-se dizer que esse dever impõe uma obrigação mais solene e mais imperiosa aos alemães de origem estrangeira.

Pois nós, os americanos de pais estrangeiros, não somos cidadãos pelo direito casual que dá o nascimento, mas sim pelo nosso livre arbitrio, seja para bem, seja para mal. Somos concidadãos, porque vós aceitastes o nosso juramento de fidelidade como sendo prestado de boa fé, e porque nos abristes com generosa confiança os portais da liberdade e do ensejo americano, admitindo-nos como membros da família americana, concedendo-nos partes iguais na grande herança creada com o trabalho e o sangue dos vossos antepassados, nada exigindo de nós a não ser o respeito pelo privilegio de cidadãos e a adopção dos ideais e principios simbolizados pela gloriosa bandeira americana.

Ai do americano estrangeiro por nascimento que trair a confiança depositada nele!

Ai daquele que considere o privilegio de ser cidadão americano unicamente como um manto util que só reveste em tempo de bonança e que se troca por outro em tempo de tempestade e perigo!

Ai do americano alemão que nesta guerra sagrada por uma causa das mais nobres que já-mais chamaram ás armas os povos do mundo, se ele não sentir um impulso solene, se ele não mostrar uma resolução ardente de se lançar para a frente da luta, se ele não provar que está pos-

suido dum zelo patriótico de pensamentos, feitos e linguagem para rivalisar e quiçá ultrapassar os cidadãos americanos por direito de nascença em dedicação e sacrificio voluntario ao paiz da sua escolha e adopção, o paiz ao qual jurou lealdade, o paiz da sua mutua afeição e orgulho.

V

Assim como Washington conduziu os americanos de sangue britânico na luta contra a Gran Bretanha; assim como Lincoln chamou pelos americanos do Norte para combaterem contra os seus proprios irmãos do Sul; assim tamhem os americanos de descendencia alemã são agora chamados a alistar-se para a guerra justa da nossa patria contra um povo do mesmo sangue, o qual, obsecado por maleficios nefandos — e sabe Deus, sem culpa nenhuma nossa — se tornou inimigo desta nação amante da paz, do direito e da liberdade do mundo.

Ganhar a independencia da America, derrubar a opressão e a tirania, foi indubitavelmente ganhar uma grande causa.

Conservar a União, abolir a escravidão, foi talvez causa ainda mais grandiosa.

Defender os proprios alicerces da liberdade e da humanidade, o sustentaculo do commercio leal entre as nações, a propria base do viver pacifico dos povos da terra contra o ataque feroz e brutal da força desapiedada, desregrada, traidora; dispendar as vidas e os bens desta geração para

que os nossos descendentes possam viver livres da horrivel calamidade de guerra e até do reccio de guerra, para que a energia e o tesouro colossal, ora absorvido pelos projectos e instrumentos de destruição, se possam de futuro dedicar-se a obras uteis de paz e de progresso e ao melhoramento das condições da plebe — eis a causa mais sublime pela qual um povo pode desem-
bainhar a espada.

Aquele que fugir no mais pequeno ponto á sua obrigação e á sua lealdade nesta a mais sagrada das causas, seja ele americano-alemão, americano-irlandez ou qualquer outro americano hifenado, seja ele socialista ou democrata, seja o que fôr, não merece ter lugar entre cidadãos americanos, ou a bem dizer entre os povos livres de qualquer parte.

Aquele que, ou abertamente ou á socapa, procurar estorvar a vontade declarada e o fito alve-
jado da Nação nesta Guerra Santa, é traidor e merece o castigo do traidor.



